

# Ensino da Oncologia em nível de graduação

## *Oncology Education*

ALCINO LÁZARO DA SILVA<sup>1</sup>

**Unitermos:** Ensino - Oncologia

**Key Words:** Education - Oncology

O médico que trabalha em Oncologia conhece bem a tão repetida e pouco exercida frase: "Tratamento do câncer é uma atitude inter-disciplinar".

Porque repetida e não cumprida? Repete-se o que se ouve e faz-se o que se aprende.

Nos currículos de medicina, a nível da graduação, a Oncologia é tratada, se o é, de uma forma fragmentária. Os professores ou departamentos interessados, ou mais motivados, colocam no elenco das matérias, tópicos sobre câncer, relacionados a sua área. Dali, o aluno segue a sua busca de créditos e em outra área repete-se a mesma atitude. A idéia, pois, é a de que não há uma seqüência lógica, científica, hierarquizada e humanística no diagnóstico e tratamento do câncer. Qualquer um poderia atuar desde que tenha sido o primeiro. Outra mensagem transmitida ao aluno, é a do especialista que recebe o paciente já submetido a um tratamento e não seria esta atitude, a primeira e mais acertada. Resta-lhe, então, propor a sua alternativa, já com reservas quanto a resultados e a criticar a anterior como não oportuna ou não hierárquica. A idéia, pois, que fica no aluno é de desordem terapêutica no câncer dependendo mais de concepções particulares ou de preferências segundo o conhecimento de cada um.

Outro aspecto que deforma a idéia do aluno é a de que trata aquele que primeiro recebe o paciente.

Para complicar mais ainda o processo didático, aplicado a jovens, como é o caso do aluno de graduação, vez por outra ele se depara com outro problema grave no tratamento ou no diagnóstico do câncer. É a iatrogenia!

Ele vê um sarcoma de útero operado e com recidiva local e se informa de que ali dever-se-ia ter feito antes, durante ou após, a quimioterapia. Ele vê a exérese de uma lesão ulcerada da pele mostrando uma histopatologia sem margem de segurança, porque foi feito em regime ambulatorial como uma cirurgia de menos importância, sem a visão oncológica de radicalidade e interdisciplinaridade. Ele vê uma exérese sigmóide-retal mais um abaixamento de colo; logo após, uma irradiação inoportuna, determina necrose de segmento abaixado, seguindo-se fístulas ou estenoses, ao tempo em

que ele aprende que a radioterapia tem seu uso controverso no tratamento do adenocarcinoma sigmóide-retal.

Estes aspectos levam-nos a refletir sobre o ensino da Oncologia na graduação.

Quanto a necessidade da sua presença no currículo obrigatório, ninguém pode pôr em dúvida quando se observam as estatísticas onde o câncer está entre os quatro primeiros responsáveis pelos óbitos.

Por causa disto solicitamos às Faculdades de Medicina do Brasil que respondessem a um simples inquérito. Entre as 76 consultadas, 45 enviaram suas respostas, de maneira pronta e cortês.

Analisando-se as respostas e agrupando-as, no que foi possível, assim encontramos a Oncologia como:

1 - Matéria lecionada em disciplinas especializadas: 23/45 Faculdades

• Períodos onde se trata a matéria: do 3º ao 12º: 13/23.

2 - Matéria lecionada nos Departamentos de Clínica Médica ou Cirúrgica: 9/45.

• Períodos onde se trata a matéria: do 5º ao 12º: 5/9.

• Carga horária em três Faculdades: 40 a 50 h/ano; 64h e 160h.

3 - Não há disciplina: 4/45.

4 - Existe a disciplina:

7º período	60 h
6º ano	200 h
4º ano	75 h/5 créditos
4º período	15h
	60h
	60h

5 - Disciplina optativa: 3/45

9º período 45h/2 créditos

45h

7º período 75h

Ao aluno não compete aprender ou adestrar-se em tratar patologias neoplásicas. Compete a ele aprender a patologia, os meios diagnósticos, os recursos preventivos e orientar-se como dar o caminho certo ao paciente com neoplasia maligna.

Repetindo, deve aprender as patologias mais prevalentes; fazer o diagnóstico, usando os métodos clínicos e

1 - Prof. Titular de Cir.do Ap. Digestivo do Dep. de Cir. da FM-UFMG.

auxiliares vigentes; buscar, a todo custo, o aprendizado e a divulgação dos métodos preventivos e bem orientar o paciente para um tratamento adequado.

Este é feito por pessoas experientes, ou nos setores competentes em Instituições especializadas em Oncologia. Se é assim, obviamente, não há necessidade de ensinar, a nível de graduação, como tratar.

O quê ensinar, então?

Para tal, há necessidade de algumas exigências:

— Criar no currículo mínimo uma disciplina de Oncologia.

— Emenda contendo as bases fundamentais da Oncologia, visando prevenção e diagnóstico.

— Disciplina interdepartamental ou interserviços de saúde.

— Disciplina filiada à Direção da Escola ou a Comissão de Ensino de Graduação ou ao Departamento mais afim, que coordenará a ministração da mesma, através de programa interdepartamental, em seqüência lógica e didática não especializada.

— Se no local houver Instituição especializada, seria útil estabelecer convênio, no qual o aspecto didático não interferisse no cotidiano terapêutico, mas que possibilitasse ao aluno viver a Instituição.

Os docentes seriam pessoas envolvidas com a área oncológica sem unilateralizar-se, porque a coordenação seria interdisciplinar.

Num regime básico intersetorial (em Oncologia não há serviço, não há especialidade; há setor loco-regional), o curso seria ministrado em prevenção e diagnóstico ("Oncopredi").

Um roteiro programático poderia contar os seguintes temas:

- 1 - Biologia molecular
- 2 - Biologia celular
- 3 - Carcinogênese
- 4 - Fatores co-carcinogênicos
- 5 - Epidemiologia
- 6 - Noções de prevenção
- 7 - Lesões pré-cancerosas
- 8 - Patogênese (displasias)
- 9 - Patologia dos Blastomas: Benignos em geral  
Malignos em geral
- 10 - Nódulo Neoplásico
- 11 - Metástase
- 12 - Marcadores tumorais
- 13 - Bases diagnósticas
- 14 - Biópsias. Bases Fundamentais
- 15 - Estadiamento e Nomenclatura (TNM)
- 16 - Patologia dos Blastomas de:
  - Sistema Nervoso
  - Cabeça e Pescoço
  - Pele
  - Ossos e Partes Moles
  - Tórax e Mediastino
  - Tubo Digestivo
  - Glândulas Digestivas Anexas
  - Retro-Peritônio (embrionários)
  - Linfo-proliferativos
  - Útero e Anexos
  - Vulva e Vagina

Sistema Urinário e Supra-Renal

Sistema Genital Masculino

Mama

Tireóide

- 17 - Planejamento Terapêutico
- 18 - Princípios de Cirurgia do Câncer
- 19 - Bases da Imunologia
- 20 - Bases da Imunoterapia
- 21 - Bases da Quimioterapia
- 22 - Quimoterápicos
- 23 - Bases das Irradiações
- 24 - Bases da Radioterapia
- 25 - Bases das Perfusões
- 26 - Isótopos, Laser, Termoterapia
- 27 - Bases Fundamentais da Reconstrução Pós-operatória
- 28 - Reabilitação física e funcional (Próteses)
- 29 - Noções de iatrogenia
- 30 - Etiopatogênese e prevenção da Dor em Oncologia
- 31 - Aspectos Psicológicos do paciente
- 32 - Paciente terminal
- 33 - Enfermagem em Oncologia
- 34 - Nutrição em Oncologia
- 35 - Infecção
- 36 - Documentação
- 37 - Bases do controle terapêutico (preservação, seguimento)
- 38 - Núcleos Comunitários para combate ao Câncer
- 39 - Registro Nacional de Tumores
- 40 - Campanha Nacional de Combate ao Câncer

As alternativas para o início e dinâmica de uma disciplina são várias:

1 - O Departamento mais afim assume a coordenação e, por convite, acrescenta a participação de docentes de outros Departamentos onde a patologia oncológica é menor.

2 - Vários Departamentos se reúnem, escolhem um coordenador qualificado e titulado e compõem o programa comum.

3 - A Direção da Faculdade assume a disciplina e designa um coordenador qualificado e titulado que convidará professores de vários Departamentos para colaborar.

4 - O Colegiado do Curso Médico assume a disciplina segundo os critérios acima.

5 - A Faculdade faz convênio com Instituição de Câncer a qual facilitará o acesso de professores, junto aos pacientes.

## Referências bibliográficas

01. BEVILACQUA, R.G. A Cirurgia oncológica nos hospitais universitários. Rev. Col. Bras. Cir. 16:1-2, 1989.
02. JUAÇABA, H.G. O ensino da cancerologia nas escolas médicas. Rev. Bras. Cancerol. 33:37, 1985.
03. MIRRA, A.P. & PERDICARIS, A.A.M. O ensino da cancerologia. Acta. Oncol. Bras. 7:104-106, 1987.
04. PERDICARIS, A.A. et al. Ensino da cancerologia no curso de graduação em medicina (documento preliminar para discussão com representantes das Escolas Médicas). Rev. Bras. Cancerol, 31: 174-6, 1985.